



A nossa Elena é assim:

- Come sempre os legumes primeiro.
- Nunca se cansa de usar cor-de-rosa.
- Prefere os sapatos brilhantes e acabadinhos de engraxar.
- Escreve sempre o nome de trás para a frente – não por não saber escrevê-lo bem, mas porque «gosta da maneira como fica».
- Não gosta de ser o centro das atenções, a não ser quando está prestes a posar para a fotografia.
- Cruza as pernas sempre que se senta.
- Não há nada melhor que uma aula de Arte, a não ser, é claro, uma ida à Biblioteca.
- A ficção é sempre melhor que a não-ficção.
- Esqueçam os refrigerantes e dêem-lhe leite. De preferência, servido num copo de vinho e com um brinde a acompanhar.
- Adora rendas e folhinhos.
- É uma ajudante de cozinha perfeita.
- Os *collants* mais giros são os de padrão de leopardo ou de bolinhas.
- Nada de calças, só vestidos.
- Adora bebés.
- Quando brinca às escolas, é sempre a professora.
- A Mãe é melhor para os mimosinhos.
- Adora cantar, mas é completamente «dura de ouvido». E, por favor, não lhe peçam para dançar.
- A *Sally* (uma Chihuahua velha e refilona) é o melhor animal de estimação que ela jamais teve.
- Nunca se tem uma colecção de bandoletes suficientemente grande.
- Tudo o que quer na vida é ser mãe.

Ela é simples. É a nossa Elena.



Nota do autor

A Brooke tem o bilhetinho dela. E eu tenho o meu. Estão ambos bem guardados nas respectivas pastas; sempre conosco, sempre à mão de semear. Descobri o meu na mochila preta que levámos connosco durante a «viagem de sonho» da Elena. O envelope tem um coração vermelho, meio assimétrico, daqueles que a Elena adorava desenhar. Ao lado, escreveu «PAI», a rosa, claro, antes de selar o envelope e o colocar secretamente na bolsa meio escondida do interior da mochila. A Brooke descobriu o dela no bolso lateral da sua pasta, onde a Elena a guardara muitos meses antes. Também está num envelope com a palavra «MÃE» escrita a cor-de-rosa, naquela caligrafia já algo tremida que ela adquiriu depois da paralisia. Estas são duas das inúmeras cartas que a Elena escondeu de nós nos últimos nove meses de vida, algumas enfiadas entre os livros da estante, outras nas gavetas das nossas cómodas, encafuadas no meio de meias e roupa interior, outras entre copos e chávenas do louceiro da sala, ou no meio de fotografias amontoadas dentro de caixas, ainda do tempo da nossa mudança. Cada bilhetinho foi deixado com a intenção deliberada de nos expressar o seu amor. Representam uma constante lembrança da sua determinação e da sua inspiração. Ela de alguma maneira sabia que, um dia, nós iríamos precisar deles para seguir em frente.

Adoro o coração da minha carta. Venero a caligrafia da palavra «Pai», escrita não só no meu envelope, mas em tudo: nas folhas A4 da impressora, nos pedacinhos de papel e cartão de todo o género deixados por toda a casa. Contudo, não ousou abrir o envelope. Na última carta que li da Elena, ela dizia que tinha muita pena de estar doente. Descobri-a na gaveta da minha mesa-de-cabeceira, duas semanas depois da sua morte. Chorei durante toda a semana

seguinte. Nem suporto imaginar o que *esta* carta dirá... Talvez mostre que ela sabia mais do que algum de nós poderia imaginar; que, desde o dia do diagnóstico inicial de cancro no cérebro até ao seu último dia, compreendeu tudo. Entendeu as conversas dissimuladas com os médicos, entendeu que jamais iria poder recuperar o que perdeu, entendeu que inevitavelmente ia morrer.

Mas, acima de tudo, espero que tenha sentido que também a amávamos desmesuradamente. E dava tudo para poder, também eu, ter-lhe deixado montes de cartas e bilhetinhos.

Este livro representa, também ele, um *bilhetinho maior* da Elena, um conjunto de mensagens de uma menina que deu à nossa família uma enorme lição de vida. E, apesar de ter sido escrito por nós, ele expressa sobretudo os ensinamentos de uma menina de seis anos da única maneira que lhe foi possível: através do seu coração. Na realidade, estas lições foram desde sempre destinadas à irmã, Gracie. E continuarão a sê-lo para sempre. Sentado à cabeceira da Elena naquela fatídica noite de Novembro, com a luz do monitor a iluminar-lhe a face terna e o sorriso acolhedor, eu soube que as nossas vidas nunca mais seriam as mesmas. Isto aconteceu no momento em que nos disseram que ela tinha 135 dias de vida. Felizmente, viveu mais e, nos nove meses que se seguiram, a Elena ficou mais sensata e mais cansada; nós, como pais, passámos a estar menos receosos, e a Gracie perdeu a sua melhor amiga – a sua «Lena». Contudo, a Gracie era ainda novinha de mais para poder entender e recordar-se disso. O diário que então iniciei foi a maneira que arranjei para preservar todas estas memórias, dia a dia.

Em determinadas noites, era eu que escrevia. Noutras, era a Brooke. Noutras, escrevíamos ambos.

Convém clarificar que as entradas da Brooke estão assinaladas num tipo de letra diferente ao longo do livro. Ocasionalmente, as minhas entradas denunciavam um misto de comentário e de revolta, enquanto as dela se mantêm afectuosas e no mesmo registo.

Embora a Brooke e eu tenhamos sido os únicos a redigir este diário, os nossos dias foram permanentemente marcados pela presença dos avós, dos tios, de outros familiares e amigos que nos afagaram as lágrimas e nos deram muita força e apoio. Diariamente, eles apareciam quando mais precisávamos deles e, quando nos deixavam, voltávamos a ser nós: uma família de quatro.

Irão conhecê-los ao longo das páginas deste diário, à medida que foram apoiando a Elena e se mostraram uma ajuda preciosa na sua luta diária.

No intuito de ser um meio de comunicar com a família, o nosso diário para a Gracie foi postado na Internet. Quer tenha sido por sorte ou por um forte apoio amigo, a verdade é que o diário se tornou rapidamente muito mais do que isso. As mensagens da família tornaram-se públicas à medida que milhares de pessoas em todo o mundo começaram a acompanhar a história da Elena e o que deixávamos escrito à sua maninha. No início, acanhámo-nos porque nos sentíamos um pouco constrangidos com toda aquela atenção e com os milhares de cartas que recebíamos. Afinal, aquilo era para a Gracie e para mais ninguém. Tentámos explicar isto em milhares de entradas no diário. Ninguém quis saber. Continuaram a chover cartas, todas começando com um «vocês não me conhecem, mas eu...». Algumas traziam chocolates para a Elena, outras material de desenho e pintura, mas todas nos diziam que este simples diário as tinha ensinado a amar mais os filhos e a valorizar mais as pequenas coisas da vida. De súbito, os filhos deixaram de ser uma mera distração para passarem a ser um objectivo nas suas vidas. Aprenderam a ter tempo para os filhos, a levá-los à escola, a ler-lhes uma história do maior livro da estante antes de lhes darem um beijinho de boa-noite e de os deitarem. E, deste modo, acabámos por entender a missão da Elena. Não só ela nos tinha dado preciosas lições de vida, como poderia ajudar igualmente milhares de outras pessoas.

Continuávamos a escrever o diário e as novas entradas eram lidas diariamente. Não estamos ainda muito habituados a tanta atenção, pelo que decidimos que determinadas entradas deveriam permanecer privadas. Outras são agora publicadas pela primeira vez neste livro, na esperança de podermos vir a sensibilizar mais as pessoas para esta doença a nível global. Representam as nossas opiniões, pensamentos e sentimentos mais íntimos. Simplicidade nua e crua – tal como a Elena.

Pareceu-nos apropriado que o diário dela tivesse corações na capa. Eram a sua assinatura, tal como a maneira como ela escrevia o nome de trás para a frente. Exactamente como no meu bilhetinho, em que o coração desenhado na parte da frente do envelope

diz tudo. Ela comunica connosco através de um simples coração para nos expressar o quanto nos ama a todos, mesmo para além da vida terrena. Isto é tudo o que preciso de saber. Amanhã irei certamente descobrir um novo bilhetinho, que muito provavelmente ficará por abrir, guardado na bolsa lateral da minha pasta. Um dia, reunirei a coragem necessária para os ler, sentado no aconchego da casinha em miniatura da Elena que construámos no jardim, junto à árvore debaixo da qual espalhámos as suas cinzas. Vou chorar e perguntar-me até que ponto ela sabia do seu destino. Mas, no fim, descobrirei que o que ela conhecia, sim, era a sua família e o modo de a saber amar. Estas são as suas palavras, os seus desenhos, a sua inspiração. Um coração – uma mensagem.

